



miguilim

revista eletrônica do netlli

volume 11, número 2, maio-ago. 2022

HUMOR E IRREVERÊNCIA NA LITERATURA CEARENSE DO SÉCULO XIX: UMA ANÁLISE DA INSTALAÇÃO DA AGREMIÇÃO “PADARIA ESPIRITUAL”



HUMOR AND IRREVERENCE IN CEARENSE LITERATURE OF THE XIX CENTURY: AN ANALYSIS OF THE INSTALLATION OF THE "PADARIA ESPIRITUAL" ASSOCIATION

Antonio Edson Alves da SILVA
Universidade Estadual do Ceará, Brasil

Roberto Coelho FREITAS
Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do
Ceará (campus Crateús), Brasil

RESUMO | INDEXAÇÃO | TEXTO | REFERÊNCIAS | CITAR ESTE ARTIGO | OS AUTORES
RECEBIDO EM 10/02/2022 • APROVADO EM 01/07/2022
DOI: [10.47295/mgren.v11i2.347](https://doi.org/10.47295/mgren.v11i2.347)

Resumo

O presente trabalho direciona-se para o programa de instalação da Padaria Espiritual, agremiação literária fundada em Fortaleza – CE, em 1892. Objetiva-se, com este artigo, identificar os aspectos de irreverência e humor presentes nos documentos oficiais da agremiação. Para tanto, toma-se como referencial teórico-metodológico, tendo em vista a natureza bibliográfica desta pesquisa, Azevedo (1996), Marques (2018a, 2018b) e Silva, Silva e Almeida (2019). O desenvolvimento deste estudo viabiliza a conclusão de que a

intenção dos “padeiros” era romper com velhos paradigmas para possibilitar a inovação das artes cearenses, bem como criticar alguns posicionamentos sociais, especialmente, em relação à educação.

Abstract

The present work is directed to the installation program of the Spiritual Bakery, a literary agremiation founded in Fortaleza – CE, in 1892. The purpose of this article is to identify the aspects of irreverence and humor present in the official documents of the association. To do so, it is taken as theoretical and methodological reference, in view of the bibliographical nature of this research, Azevedo (1996), Marques (2018a, 2018b) and Silva, Silva and Almeida (2019). The development of this study makes it possible to conclude that the intention of the "bakers" was to break with old paradigms to enable the innovation of Ceará arts, as well as to criticize some social positions, especially, in relation to education.

Entradas para indexação

Palavras-chave: Literatura Cearense. Padaria Espiritual. Irreverência. Humor.

Keywords: Ceará's Literature. Spiritual Bakery. Irreverence. Humor.

Texto integral

Introdução

A literatura cearense tem se caracterizado por ser uma literatura de mutirão, uma vez que tendo estudado ao longo de sua trajetória, percebe-se que os grupos literários já nasciam sob a forma compartilhada e colaborativa de administração. O primeiro movimento literário genuinamente cearense, datado por volta de 1813, foi dos Oiteiros. Eles eram um grupo de vários escritores e intelectuais que se reuniam no palácio do Governo da Província, naquele período. A história e o desenvolvimento da cultura cearense, principalmente na literatura, na filosofia e nas artes em geral está sempre envolvida com as agremiações literárias da terra, a exemplo do próprio Oiteiros, da Academia Francesa do Ceará, do Clube Literário, da Padaria Espiritual, da Academia Cearense de Letras e do Centro Literário.

A Padaria Espiritual destaca-se como um dos movimentos mais importantes para a cultura local, uma vez que ela não era exclusivamente literária, seus integrantes eram secretários, professores do Liceu e da Escola Normal, funcionários da Alfândega, da Secretaria da Fazenda, advogados, jornalistas, deputados, músicos, médicos, oficiais do Exército e da Marinha, funcionários da Estrada de Ferro de Baturité, um afinador de piano, um desenhista e um pintor, como destaca Marques (2018a, 2018b). A heterogeneidade e a boa relação, sem muita formalidade com transeuntes e admiradores em geral, foram cruciais para dar legitimidade e glória à agremiação literária.

No final do século XIX, o panorama intelectual cearense viveu uma das suas fases mais propícias, pois era um momento de grande agitação de ideias, em que brotavam importantes associações culturais e literárias; e a classe letrada participava com veemência da vida política cearense e das campanhas cívicas em curso no país.

Toda essa floração admirável, a semente fecunda sob muitos pontos de vista, fora a Academia Francesa do Ceará (1873), agremiação muito mais filosófica do que

literária, representava uma ação antirromântica que, fundada por Rocha Lima, Capistrano de Abreu, Araripe Júnior, Xildérico de Faria, João Lopes e Tomás Pompeu Filho, combateu com veemência os setores mais tradicionais da sociedade cearense, entre eles a Igreja Católica, ao mesmo tempo em que disseminou a ideologia do progresso, seja relacionada ao regime republicano, seja ao conhecimento científico-tecnológico.

Para reeducar a população, tendo como objetivo acelerar a transformação da capital Fortaleza em um grande centro industrial, em 1874, os membros da Academia Francesa do Ceará criaram um espaço para sociabilidade e reflexão intelectual, onde eram realizadas palestras e debates sobre Estado, eletricidade, religião, direito, entre vários assuntos, denominado Escola Popular. Os assuntos discutidos levantavam questões relacionadas aos rumos a serem tomados pelos cearenses, que deviam afastar-se dos valores religiosos e aproximarem-se da realidade das máquinas e das ciências, como havia ocorrido em Paris e Londres.

Portanto, este trabalho, de natureza bibliográfica, objetiva identificar os aspectos de irreverência e humor presentes nos documentos oficiais da Padaria Espiritual, no século XIX, partindo de teóricos como Azevedo (1996), Marques (2018a, 2018b) e Silva, Silva e Almeida (2019) e está organizado com esta introdução, o tópico seguinte versará sobre a construção da literatura cearense, posteriormente, no tópico 3, discutiremos e analisaremos o Estatuto da Padaria Espiritual, quanto a sua instalação na capital cearense, e por fim, nossas considerações finais sobre esta pesquisa.

A construção da literatura cearense

Assim como acontecia em todo o Brasil, na segunda metade do século XIX e em meados do século XX, no Ceará não foi diferente. Os homens de letras e diversos grupos letrados, ansiosos desde o Romantismo por criar instituições de ampla respeitabilidade social e em gestar, em nossa nascente sociedade, uma cultura capaz de se ombrear aos grandes centros civilizatórios do mundo moderno, esforçaram-se no intuito de criar grupos, agremiações e movimentos capazes de nos dotar de um perfil semelhante ao ostentado, sobretudo pelos países europeus, então centros de emanção literária, filosófica e científica dos finais dos oitocentos.

Fazendo um levantamento das academias, associações e grêmios literários que surgiram entre 1870 e 1900, responsáveis pela propagação das letras no Ceará, ficou evidenciado que, durante esse período, foram trinta e sete os grupos que, com maior ou menor intensidade, atuaram no contexto das letras cearenses, conforme Azevedo (1996) e Marques (2018a). Entre essas sociedades se destacam: a Fênix Estudantil (1870), a Academia Francesa (1873), o Club Literário Cearense (1884), a Sociedade Rocha Lima (1884), o Grêmio Literário (1885), o Club Literário (1887), a Padaria Espiritual (1892), o Centro Literário (1894), a Academia Cearense (1894), a Iracema Literária (1899). Diferentes de outros grupos, ligados ao poder local, essas agremiações eram mais amplas e influenciaram nos debates públicos da cidade se misturando com a questão entre Clero e Maçonaria, e até em brigas partidárias.

Os poetas, à medida que suas agremiações se sucediam, fizeram amadurecer um campo próprio, relativamente autônomo em relação à Igreja, à Maçonaria e aos partidos, acompanhados pela modernização atropelada da própria cidade onde viviam. O debate beletrista que se espalhou em clubes, cafés, jornais e periódicos é um índice indiscutível da ascensão de uma classe média letrada e liberal na cidade de Fortaleza, que procurava emancipar-se numa sociedade de difícil mobilidade

social, mas que começava a contar com uma tênue e crescente divisão do trabalho intelectual (MARQUES, 2018b, p. 33).

A Padaria Espiritual reuniu o que estava em agitação no centro da cidade de Fortaleza, dando unidade a uma agremiação com novos escritores e artistas de classe média. Para Silva, Silva e Almeida (2019, p. 30), “esse caráter específico presente nas obras da tradição literária do Ceará é, muitas vezes, fator fulcral para determinar a presença do autor ou do livro no cânone da Literatura Cearense”.

A ideia do grupo era despertar, no povo cearense, o gosto pela literatura que andava um pouco esquecida. Como já havia anteriormente sociedades literárias, muitas delas de caráter formal e retórico, decidiram que só valeria a pena se fosse algo novo, original e até mesmo escandaloso, que repercutisse no povo. Antônio Sales deu nome ao grêmio – Padaria Espiritual – e, em seguida, redigiu seu programa de instalação, que foi um verdadeiro sucesso. O programa era totalmente diferente de tudo que até então havia sido produzido, resultando, daí, o extraordinário êxito do grêmio cearense, “o Programa de Instalação não constituía propriamente um manifesto, uma poética, mas levava consigo o tom escrachado e carnavalesco do dia a dia da trupe de Moacir Jurema. O programa se espalhou em diversos jornais do país e foi o responsável principal pelo sucesso extramuros da Padaria Espiritual” (MARQUES, 2018b p. 46).

Nessa perspectiva, a condição em que se encontrava as letras cearenses durante os últimos anos do final do século XIX era a fragmentação entre o Realismo, o Naturalismo, o Parnasianismo e o Simbolismo. Este primando demasiadamente pelo subjetivismo, enquanto aqueles bastante marcados pelos traços do objetivismo. As produções literárias dessa época surgiam em meio a grupos, que se constituíam de rapazes de variadas profissões, alguns, homens públicos, outros, anônimos, os quais se reuniam para declamar poesias de sua autoria e também de outros autores. Esses grupos tinham como marca registrada o tom retórico acadêmico em suas sessões.

Nesse contexto, foi fundada a Padaria Espiritual no dia 30 de maio de 1892, com inauguração festiva no Café Java, de Mané Coco, na Praça do Ferreira, em Fortaleza. Barreira (1948), descrevendo o surgimento do grêmio, comenta que a Padaria Espiritual originou-se das reuniões de um “pugilo de moços”, que se encontravam para conversar sobre literatura nas mesas do Café Java, de Mané Coco, “o homem que não usava gravata, que era amigo dos intelectuais cearenses e cuja única erudição consistia no conhecimento de D. João, de Guerra Junqueiro, que ele sabia de cor de ponta a ponta e do qual recitava trechos a propósito de tudo e mesmo sem propósito algum” (BARREIRA, 1948, p. 40).

Esse movimento teve como principal objetivo pôr um fim no estado de melancolia literária em que se encontrava o Ceará naquela época. Os fundadores pretenderam uma manifestação artística diferenciada, original, que viesse a acabar de vez com a mesmice encontrada nos grêmios literários a eles contemporâneos. Isso se pode perceber através das palavras de Antonio Sales, idealizador da Padaria Espiritual:

Ulysses e Sabino insistiram que formássemos um grêmio literário para despertar o gosto das letras, então em estado de lethargia, mas eu me oppunha. Uma sociedade literária, como se havia fundado tantas, com um caráter formal de academia-mirim, burgueza, rhetorica e quase burocratica, era cousa para qual eu sentia uma negação absoluta. – Só si fosse uma cousa nova, original e mesmo um tanto escandalosa, que sacudisse o nosso meio e tivesse uma

É possível perceber, nas palavras de Antônio Sales, idealizador e responsável pela originalidade da agremiação, o desejo de construir uma sociedade literária que adotasse uma nova postura, diante das até então fundadas. Uma sociedade que fosse além da visão local e ganhasse vulto em outras cidades, estados e até outros países, visto que alguns dos padeiros buscaram corresponder-se com os poetas portugueses Guerra Junqueiro e Antônio Nobre, muito embora estes não tenham se preocupado em responder as correspondências dos poetas cearenses. A Padaria Espiritual, assim como fundada, teve suas primeiras sessões no Café Java, localizado na Praça do Ferreira, epicentro da capital cearense. Era no Café Java que se “sovava a massa” e saíam as primeiras “fornadas” do “pão de espírito” (AZEVEDO 1996).

Originalíssima, a agremiação ficou em conformidade com o desejo de Antônio Sales, seu idealizador, isso ficando evidente desde o seu programa de instalação que previa 48 artigos permeados de um humor leve e inteligente. Primava pela preservação da cultura brasileira, assumia determinadas responsabilidades sociais e se comprometia com a defesa da Arte, do Bom Gosto, do Progresso e da Dignidade Humana, grafados, assim, em iniciais maiúsculas, no artigo XLVII do Programa de Instalação da Padaria Espiritual.

Instalação: humor e irreverência

Ao dirigir a atenção desta pesquisa para o Programa de Instalação da Padaria Espiritual, fica em evidência dois aspectos que perpassam todo o Programa: o humor e a irreverência. Partindo desses aspectos torna-se possível perceber o caráter de modernidade dessa agremiação, tendo em vista que foi criada com o objetivo de ser uma coisa nova, original e que, de algum modo, revolvesse a então situação das letras no Ceará. Antônio Sales redigiu o programa de instalação da Padaria Espiritual e foi lido pela primeira vez na sessão inaugural da agremiação, no dia 30 de maio de 1892, no Café Java, na Praça do Ferreira, em Fortaleza (AZEVEDO, 1996). Sua primeira publicação se deu no mesmo ano, por meio da Tipografia d'O Operário, periódico de circulação na capital cearense.

O Programa de Instalação da Padaria Espiritual apresenta, a partir das primeiras análises, aspectos irreverentes que se voltam contra algumas práticas comuns em sua época especialmente no campo das letras. Essas características foram ilustradas pelas disposições de vários artigos, através de um humor e uma crítica social tão bem dosados e misturados, que permitem ao leitor uma visualização da situação não apenas das letras, mas também da sociedade cearense e, por que não dizer, brasileira, no final do século XIX.

É a partir daí que se pode observar a essência da Padaria, o que realmente propunham seus fundadores e sua postura diante da necessidade de mudança que as letras e a sociedade brasileiras sofriam na época. Para tanto, apresenta-se a necessidade da leitura e da análise do referido programa, uma vez que é mister a compreensão do que foi esse movimento para as letras cearenses. Eis os Estatutos da Padaria Espiritual, movimento pioneiro no Ceará — terra de José de Alencar — e precursor das academias de letras em terras brasileiras. Movimento modernista, ainda hoje atual, com 40 anos de antecedência à Semana de Arte de 1922.

I - Fica organizada, nesta cidade de Fortaleza, capital da "Terra da Luz", antigo Siará Grande, uma sociedade de rapazes de Letras e Artes, denominada Padaria Espiritual, cujo fim é fornecer pão de espírito aos sócios em particular, e aos povos, em geral.

II - A Padaria Espiritual se comporá de um Padeiro-Mór (presidente), de dois Forneiros (secretários), de um Gaveta (tesoureiro), de um Guarda-livros na acepção intrínseca da palavra (bibliotecário), de um Investigador das Coisas e das Gentes, que se chamará Olho da Providência, e demais Amassadores (sócios). Todos os sócios terão a denominação geral de Padeiros. (AZEVEDO, 2013, p. 21).

No 1º artigo, fica claro que a associação tem por participantes não apenas escritores como Antônio Sales, Lívio Barreto, Lopes Filho, Adolfo Caminha e outros mais. A agremiação dispunha também de rapazes de outras artes que não das letras, como Luís Sá, que era desenhista e pintor, bem como dois músicos, os irmãos Carlos Vitor e Henrique Jorge. Por sua vez, o 2º artigo trata da organização do grêmio, o que também justifica o nome Padaria Espiritual, pois alguns de seus membros eram chamados de padeiros.

Mesmo sendo uma agremiação independente, buscava-se uma forma de hierarquia em que houvesse: um presidente (Padeiro-Mor), dois secretários (Forneiros), um tesoureiro (Gaveta), um bibliotecário (Guarda-livros) e um "investigador das cousas e das gentes" (Olho da Providência). O caráter irreverente desse artigo é estabelecido pela denominação dos membros da Padaria, e a que eles se referem.

III - Fica limitado em vinte o número de sócios, inclusive a Diretoria, podendo-se, porém, admitir sócios honorários que se denominarão Padeiros-livres.

IV - Depois da instalação da Padaria, só será admitido quem exhibir uma peça literária ou qualquer outro trabalho artístico que for julgado decente pela maioria Padeiros. (AZEVEDO, 2013, p. 22).

Os artigos 3º e 4º, para autores como Azevedo (1996) e Marques (2018a), de fato foi 20 o número de fundadores da agremiação, em 1892. É válido ainda ressaltar o adjetivo utilizado para caracterizar a obra literária de quem tencionasse ser digno de participar da associação dali em diante, pois a obra deveria ser julgada "decente", não por um, mas pela maioria dos membros do grupo. Para esses teóricos, o humor se concentra nesse vocábulo.

V - Haverá um livro especial para registrar-se o nome comum e o nome de guerra de cada Padeiro, sua naturalidade, estado, filiação e profissão a fim de poupar-se à Posteridade o trabalho dessas indagações.

VI - Todos os Padeiros terão um nome de guerra único, pelo qual serão tratados e do qual poderão usar no exercício de suas árduas e humanitárias funções. (AZEVEDO, 2013, p. 22).

Em relação aos Artigos 5º e 6º, por ser uma pesquisa bibliográfica, não se obteve informação acerca do livro mencionado no artigo 5º. Com relação ao artigo 6º, são inegáveis o humor e a ironia nele presentes. Os "nomes de guerra" dos

padeiros são pseudônimos que adotaram durante suas “árduas e humanitárias funções”, ou seja, o exercício literário e artístico desenvolvido no grêmio.

VII - O distintivo da Padaria Espiritual será uma haste de trigo cruzada de uma pena, distintivo que será gravado na respectiva bandeira, que terá as cores nacionais. (AZEVEDO, 2013, p. 22).

O artigo 7º trata do ícone da Padaria, símbolo da agremiação. Muito embora a bandeira da Padaria tenha, assim, sido planejada, não lhe puseram as cores da bandeira nacional, na verdade a fizeram vermelha. Porém, a “haste de trigo cruzada com uma pena” não poderiam lhe negar de forma alguma, uma vez que essa junção era o verdadeiro ícone, o verdadeiro símbolo dos que queriam fabricar “pão de espírito” a partir de um bico de pena.

VIII - As fornadas (sessões) se realizarão diariamente, à noite, à exceção das quintas-feiras, e aos domingos, ao meio-dia.

IX - Durante as fornadas, os Padeiros farão a leitura de produções originais e inéditas, de quaisquer peças literárias que encontrarem na imprensa nacional ou estrangeira e falarão sobre as obras que lerem.

X - Far-se-ão dissertações biográficas acerca de sábios, poetas, artistas e literatos, a começar pelos nacionais, para o que se organizará uma lista, na qual serão designados, com a precisa antecedência, o dissertador e a vítima. Também se farão dissertações sobre datas nacionais ou estrangeiras.

XI - Essas dissertações serão feitas em palestras, sendo proibido o tom oratório, sob pena de vaia. (AZEVEDO, 2013, p. 22).

O 8º Artigo faz referência à realização das sessões do grêmio. Note-se que a pretensão era de que acontecessem diariamente, no já mencionado Café Java, de Mané Coco. Já o artigo 9º vem considerar a necessidade de uma leitura ampla e crítica por parte dos padeiros. Os artigos 10º e 11º reforçam indubitavelmente a aversão da Padaria ao academicismo rebuscado e ao “tom oratório” das conferências dos grêmios literários que eram comuns em sua época.

XII - Haverá um livro em que se registrará o resultado das fornadas com o maior laconismo possível, assinando todos os Padeiros presentes.

XIII - As despesas necessárias serão feitas mediante finta passada pelo Gaveta, que apresentará conta do dinheiro recebido e despendido. (AZEVEDO, 2013, p. 22).

No artigo 12º, o livro de atas que é mencionado foi e é um instrumento de substancial importância para os estudos acerca da Padaria Espiritual. No Artigo 13º, mais uma vez o tom satírico aparece nas palavras de Antônio Sales, quando este usa o termo “finta” para designar as transações realizadas pelo tesoureiro da Padaria. O referido termo é usado comumente para fazer referência a determinados movimentos, que tem como finalidade enganar o adversário durante competições em jogos esportivos. Porém, neste artigo, foi empregado com o sentido de calote, engano, logro. O que, mais uma vez, denota o bom humor inerente à agremiação.

XIV - É proibido o uso de palavras estranhas à língua vernácula, sendo, porém, permitido o emprego dos neologismos do Dr. Castro Lopes.

XV - Os Padeiros serão obrigados a comparecer à fornada, de flor à lapela, qualquer que seja a flor, com exceção da de chichá.

XVI - Aquele que durante uma sessão não disser uma pilhéria de espírito, pelo menos, fica obrigado a pagar no sábado café para todos os colegas. Quem disser uma pilhéria superiormente fina, pode ser dispensado da multa da semana seguinte. (AZEVEDO, 2013, p. 22).

O artigo 14º explicita a proibição das “palavras estranhas à língua vernácula” e denota, de certo modo, um ensaio de nacionalismo, uma vez que querem se opor a utilização de termos não pertencentes à língua portuguesa. O 15º diz respeito à obrigatoriedade do uso de uma flor na lapela dos padeiros, o que denota, certo tom romântico e de alinhamento, próprio do homem boêmio do século XIX. Já o artigo 16º reflete, mais uma vez, o caráter humorístico da agremiação. É a partir dessa declaração que se pode perceber o que se pretendeu com a fundação da Padaria.

XVII - O Padeiro que for pegado em flagrante delito de plágio, falado ou escrito, pagará café e charutos para todos os colegas. (AZEVEDO, 2013, p. 23).

O artigo 17º inicia fazendo com que o leitor acredite que o plágio seria proibido aos padeiros, porém, o desfecho inesperado acerca do castigo à transgressão da regra apenas configura mais uma de suas pilhérias, já tão comentadas nos parágrafos anteriores. O artigo seguinte prevê a possibilidade de os padeiros serem agredidos por algum cidadão ignaro, vocábulo que, nesse contexto, não serve apenas para a indicação de pessoas ignorantes. Mas, principalmente, aqueles a quem os padeiros chamavam de burgueses.

XIX - É proibido fazer qualquer referência à rosa de Maiherbe e escrever nas folhas mais ou menos perfumadas dos álbuns.

XX - Durante as fornadas, é permitido ter o chapéu na cabeça, exceto quando se falar em Homero, Shakespeare, Dante, Hugo, Goethe, Camões e José de Alencar porque, então, todos se descobrirão. (AZEVEDO, 2013, p. 23).

O artigo 19º denota a aversão da Padaria contra as práticas comuns nas letras brasileiras, as quais continham muito de uma poesia clichê, cheias de termos, há muito, usados e abusados nas produções poéticas literárias. No artigo 20º, a Padaria trazia consigo imenso caráter renovador, que buscava a quebra de certos termos e temas, há muito utilizados na literatura. Porém, essa característica não fazia com que os Padeiros se sentissem como precursores da arte e das letras; pelo contrário, respeitavam as grandes figuras da literatura mundial. Isso se evidencia no artigo 20º, em que Sales cita uma série de famosos autores literários (Homero, Shakespeare, Dante, Hugo, Goethe, Camões e José de Alencar). Não se deve negar o tom de pilhéria contido nesse artigo, mas o que realmente é digno de nota é a reverência prestada ao nome desses grandes autores.

XXI - Será julgada indigna de publicidade qualquer peça literária em que se falar de animais ou plantas estranhos à Fauna e à Flora brasileiras, como: cotovia, olmeiro, rouxinol, carvalho etc.

XXII - Será dada a alcunha de "medonho" a todo sujeito que atentar publicamente contra o bom senso e o bom gosto artísticos.

XXIII - Será preferível que os poetas da "Padaria" externem suas ideias em versos.

XXIV - Trabalhar-se-á por organizar uma biblioteca, empregando-se para isso todos os meios lícitos e ilícitos.

XXV - Dirigir-se-á um apelo a todos os jornais do mundo, solicitando a remessa dos mesmos à biblioteca da "Padaria". (AZEVEDO, 2013, p. 23).

O artigo 21º é um dos mais importantes para a compreensão do caráter moderno da Padaria Espiritual, uma vez que apresenta o anseio de valorização de elementos nacionais. O Artigo 22º tinha como alvo aquele que atentasse publicamente "contra o bom senso e o bom gosto artísticos", ou seja, a quem, sem nenhum talento artístico, resolvesse se aventurar pelo mundo das *belles lettres* e das outras artes. O Artigo 23º pode ser entendido como sendo mais uma piada, uma vez que os pedreiros deveriam escrever ao invés de se dedicarem a conversas não edificantes. A última palavra do artigo 24º é o que estabelece o tom humorístico desse trecho. Ele propõe a utilização de meios "ilícitos" para o alcance da meta estabelecida, que seria a biblioteca da Padaria, para cuja formação se solicitaria uma "remessa" de todos os jornais do mundo. É o que ampara o artigo 25º, o que é bem possível que seja mais uma pilhéria de Antônio Sales, pois, por mais que os Padeiros tivessem um respeitável grau de erudição, ainda assim seria um tanto difícil corresponderem-se em todos os idiomas dos países do mundo.

XXVI - São considerados, desde já, inimigos naturais dos Padeiros - o Clero, os alfaiates e a polícia. Nenhum Padeiro deve perder ocasião de patentear seu desagrado a essa gente.

XXVII - Será registrado o fato de aparecer algum Padeiro com colarinho de nitidez e alvura contestáveis.

XXVIII - Será punido com expulsão imediata e sem apelo o Padeiro que recitar ao piano.

XXIX - Organizar-se-á um calendário com os nomes de todos os grandes homens mortos, Haverá uma pedra para se escrever o nome do Santo do dia, nome que também será escrito na Ata, em seguida à data respectiva.

XXX - A "Avenida Caio Prado" é considerada a mais útil e a mais civilizada das instituições que felizmente nos regem, e, por isso, ficará sob o patrocínio da Padaria.

XXXI - Encarregar-se-á um dos Padeiros de escrever uma monografia a respeito do incansável educador Professor Sobreira e suas obras.

XXXII - A "Padaria" representará ao Governo do Estado contra o atual horário da Biblioteca Pública e indicará um outro mais consoante às necessidades dos famintos de ideias.

XXXIII - Nomear-se-ão comissões para apresentarem relatórios sobre os estabelecimentos de instrução pública e particular da Capital relatórios que serão publicados,

XXXIV - A Padaria Espiritual obriga-se a organizar, dentro do mais breve prazo possível, um Cancioneiro Popular, genuinamente cearense. (AZEVEDO, 2013, p. 24).

Sobre o artigo 26º, o que se vê são algumas características. Uma delas é o anticlericalismo, notório com a declaração de inimizade aos padres. O artigo 27º revela mais um traço humorístico ao questionar as vestimentas dos seus participantes, porém, traz em si uma informação válida acerca dos Padeiros: o cuidado com a boa aparência. Já o artigo 28º vem tratar mais uma rejeição a determinados hábitos relacionados às práticas literárias da época.

No artigo 29º, mais uma vez, a Padaria faz referência aos grandes nomes do passado, pois tencionavam homenagear os “grandes homens mortos”. O artigo 30º designa uma alameda de Passeio Público, semelhante a uma praça. No 31º, segundo Azevedo (1996) e Marques (2018a, 2018b), trata-se de mais uma graça com mais um autor cearense. Já os Artigos 32º e 33º são uns dos poucos que não contêm tom humorístico ou irônico. Na verdade, eles evidenciam outra característica da Padaria Espiritual, que é a preocupação social. O artigo 34º traduz o caráter ufanista da Padaria Espiritual, demonstrando a valorização da cultura local, assim como no artigo 21º, em que o enfoque se deu na fauna e na flora brasileira.

XXXV - Logo que estejam montados todos os maquinismos, a Padaria publicará um jornal que, naturalmente, se chamará O Pão.

XXXVI - A Padaria tratará de angariar documentos para um livro contendo as aventuras do célebre e extraordinário Padre Verdeixa. (AZEVEDO, 2013, p. 24).

O artigo 35º, em 10 de julho de 1982, depois de publicar vários textos *n’A República*, os Padeiros publicaram, por meio dos maquinismos *d’O Operário* e não os seus próprios, o primeiro número *d’O Pão*. Este possuiu duas fases: a primeira rendeu seis números, sendo o último datado de 24 de dezembro do mesmo ano; e a segunda fase teve seu início em 1º de janeiro de 1895 e findou em 31 de outubro de 1896, produzindo até o número 36 desse jornal. O artigo 36º faz referência ao Padre Verdeixa (1803-1872), que figurou na redação de uma série de jornais e foi também deputado provincial, e estava sempre metido com escaramuças políticas. Portanto, a menção ao clérigo constitui-se mais uma piada dos Padeiros.

XXXVII - Publicar-se-á , no começo de cada ano, um almanaque ilustrado do Ceará contendo indicações úteis e inúteis, primores literários e anúncios de bacalhau.

XXXVIII - A Padaria terá correspondentes em todas as capitais dos países civilizados, escolhendo-se para isso literatos de primeira água.

XXXIX - As mulheres, como entes frágeis que são, merecerão todo o nosso apoio excetuadas: as fumistas, as freiras e as professoras ignorantes.

XL - A Padaria desejaria muito criar aulas noturnas para a infância desvalida; mas, como não tem tempo para isso, trabalhará por tornar obrigatório a instrução pública primada. (AZEVEDO, 2013, p. 24).

O artigo 37º trata da elaboração de um almanaque. Traz uma marca pilhérica ao falar dos “primores litterarios e annuncios de bacalháu” e ainda acaba por definir

a natureza desse tipo de leitura naquela época. Os artigos 38º, 39º e 40º tratam de assuntos distintos, porém em todos aparece o tom ousado, típico da Padaria Espiritual. O primeiro deles demonstra um certo ar de galanteio para com as mulheres, e além disso, um forte preconceito para com as fumistas que, no século XIX, não eram vistas com bons olhos pela sociedade. Manifesta ainda o repúdio pelas freiras, reforçando a tendência anticlerical percebida já no artigo 26º, ao tratar os padres como “inimigos naturais dos Padeiros”.

XXI - A Padaria declara desde já guerra de morte ao bendegó do "Cassino".

XLII - É expressamente proibido aos Padeiros receberem cartões de troco dos que atualmente se emitem nesta Capital.

XLIII - No aniversário natalício dos Padeiros, ser-lhes-á oferecida uma refeição pelos colegas. (AZEVEDO, 2013, p. 25).

Os artigos 41º, 42º e 43º tratam de assuntos locais e de pequena relevância; contudo, é válido chamar a atenção para as notas humorísticas que neles figuram. No primeiro, quando há a proibição do recebimento de cartões de troco por parte dos padeiros, e no terceiro, quando a expressão “embirrar solenemente” é utilizada para denominar a atitude da Padaria em relação à seção Para matar o tempo, do jornal A República. Já no artigo 42º, encontra-se uma promessa de cortesia ao Padeiro aniversariante. Esse artigo possui mais tom de coleguismo do que de humor propriamente dito.

XLIV - A Padaria declara embirrar solenemente com a secção "Para matar o tempo" do jornal "A Republica", e, assim, se dirigirá à redação desse jornal, pedindo para acabar com a mesma secção.

XLV - Empregar-se-ão todos os meios de compelir Mané Coco a terminar o serviço da "Avenida Ferreira".

XLVI - O Padeiro que, por infelicidade, tiver um vizinho que aprenda clarineta, pistom ou qualquer outro instrumento irritante, dará parte à Padaria que trabalhará para pôr termo a semelhante suplício.

XLVII - Pugnar-se-á pelo aformoseamento do Parque da Liberdade, e pela boa conservação da cidade, em geral.

XLVIII - Independente das disposições contidas nos artigos precedentes, a Padaria tomará a iniciativa de qualquer questão emergente que entenda com a Arte, com o bom Gosto, com o Progresso e com a Dignidade Humana.

Amassado e assado na "Padaria Espiritual", aos 30 de Maio de 1892. (AZEVEDO, 2013, p. 25).

Os artigos 44º, 45º e 46º, Mané Coco pavimentou um trecho que ligava o Café Java ao Café Elegante. “Os Padeiros queriam que esse tipo de calçamento ligasse os outros cafés, o do Comércio e o Iracema.” (MARQUES, 2018a, p. 50). Por isso, no artigo 44º, há menção à conclusão da obra iniciada no logradouro fortalezense que hoje é conhecido como Praça do Ferreira.

O artigo 45º mais uma vez vem demonstrar o tão recorrente efeito de humor que permeia a maioria dos artigos precedentes. Desta vez com a função de criticar a prática da execução de músicas a partir de “instrumentos irritantes”, como clarinete ou pistom, prometendo pôr fim ao sofrimento daqueles que estejam obrigados a padecer tal “suplício”, que seria ouvir execuções desses instrumentos musicais. Nos

últimos artigos, a Padaria se propõe, diante de qualquer situação que venha a surgir, tomar iniciativas a favor da “Arte”, do “Bom Gosto”, do “Progresso” e da “Dignidade Humana”, assim escritas com iniciais maiúsculas para denotar a grande importância desses aspectos para a recém-nascida agremiação.

Essa mesma preocupação com o embelezamento da cidade é percebida no artigo 46º, que promete lutar pelo “aformoseamento do Parque da Liberdade e a boa conservação da cidade em geral”. Vê-se nesses artigos a necessidade que a Padaria tinha de expor sua opinião acerca dos vários aspectos da cidade, sendo um dos mais citados a infraestrutura da Capital naquele final de século.

Para Azevedo (1996, p. 50), “jamais outra associação cultural apresentou um programa de instalação com tanto humor, e sobretudo tão diferente de tudo quanto então se fazia e que, já naquele tempo, começava a cansar”. De fato, a Padaria Espiritual teve como principais características o humor e a irreverência. Além disso, percebe-se também a crítica e a preocupação sociais, a valorização dos elementos nacionais e cearenses, demonstrando, já naquela época, a necessidade de mudanças no cenário artístico brasileiro.

Considerações finais

Objetivando identificar os aspectos de irreverência e humor presentes nos documentos oficiais da Padaria Espiritual, no século XIX, partindo de teóricos como Azevedo (1996), Marques (2018a, 2018b) e Silva, Silva e Almeida (2019), as observações e análises que se constituíram neste trabalho, fez-nos perceber o caráter de inovação presente no Programa de Instalação desta agremiação artística cearense chamada de Padaria Espiritual. Essa associação de “rapazes de letras e artes”, que conseguiu reunir escritores dos mais variados estilos, dois músicos, um desenhista e pintor e outro que tinha como único dom sua valentia e seu porte físico.

Este trabalho possibilitou, além de elencar algumas referências sobre a tão importante literatura cearense, o estabelecimento de uma visão diferenciada do movimento literário denominado Padaria Espiritual pois a análise de seu Programa de Instalação viabilizou a constatação de um discurso marcado pela irreverência e humor. No Programa de Instalação, notou-se também a forte presença da ironia, do nacionalismo, através da valorização da cultura local, especialmente, em virtude dessas características não serem bem vistas pelo pessoal das letras, no final do século XIX, no Ceará. Tudo isso traduz o forte desejo de rompimento com o tom acadêmico e retórico, comum nas agremiações de sua época, o que seria, portanto, um ponto representativo do caráter transgressor dessa associação.

Referências

AZEVEDO, Sânzio. *A Padaria Espiritual e o Simbolismo no Ceará*. 2.ed. Fortaleza: Edições UFC, 1996.

AZEVEDO, Sânzio. *Padeiros muito letrados: antologia em prosa e verso de membros da Padaria Espiritual*. Fortaleza: Armazém da Cultura, 2013.

BARREIRA, Dolor. *História da literatura cearense*. Fortaleza: Instituto do Ceará, 1948.

MARQUES, Rodrigo. *A nação vai à província: do Romantismo ao Modernismo no Ceará*. Fortaleza: Imprensa Universitária, 2018a.

MARQUES, Rodrigo. *Literatura cearense: outra história*. Fortaleza: Editora Dummar, 2018b.

SILVA, Antonio Edson Alves da; SILVA, Antonio Anderson Beserra da; ALMEIDA, Lorena Ramos de. Aspectos literários populares e eruditos na epopeia O país dos Mourões do escritor cearense Gerardo Mello Mourão. *Mosaico*. São José do Rio Preto, v. 18, n. 1, p. 29-42, 2019. Disponível em:

<http://www.olhodagua.ibilce.unesp.br/index.php/revistamosaico/article/viewFile/610/546>. Acesso em: 12 maio 2021.

Para citar este artigo

SILVA, Antonio Edson Alves da; FREITAS, Roberto Coelho. Humor e irreverência na literatura cearense do século XIX: uma análise da instalação da agremiação “Padaria Espiritual”. *Miguilim – Revista Eletrônica do Netlli*, Crato, v. 11, n. 2, p. 714-726, maio-ago. 2022.

Os Autores

Antonio Edson Alves da Silva é mestre e doutorando em Linguística Aplicada pelo Programa de Pós-Graduação em Linguística Aplicada da Universidade Estadual do Ceará (PosLA-UECE). Professor Substituto da Universidade Estadual do Ceará (UECE).

Roberto Coelho Freitas é graduado em Letras pelo Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Ceará (IFCE-campus Crateús)